RELIGIÃO, GÊNERO

E TRANSFORMAÇÕES DA INTIMIDADE

CAROLINA TELES LEMOS*
EDUARDO GUSMÃO DE QUADROS**

Mais do que nunca dois campos de estudos, devidamente interligados, se colocam em pauta entre as investigações sociais na atualidade: as reconfigurações das relações de gênero e as transformações por que passa o campo religioso.

Entre as reconfigurações nas relações de gênero, destacamos:

- as ressignificações conferidas ao corpo tanto masculino como feminino, centrada numa determinada forma estética, o que evidencia que o corpo pode ser significado de acordo com interesses em legitimar algo ou evidenciar determinado status social;
- a multiplicidade e a flexibilização dos arranjos conjugais, na qual aparecem, coexistindo, antigos modelos de conjugalidade, marcado pelo ideal da composição familiar formado por pai, mãe e filhos e sustentado pelo ideal do amor romântico, tanto para homens quanto para mulheres. Surgem novos modelos de conjugalidade, marcados pela defesa da multiplicidade de arranjos conjugais, nos quais se sobressai a centralidade de aspectos como a individualidade, a privacidade e a liberdade;
- a significativa entrada de mulheres em espaços antes considerados redutos masculinos, como a política, cargos de executivas, atividades militares dentre outras, o que contribui para que as mulheres extrapolassem o mundo privado e ganhassem notoriedade no mundo público, caracterizado antes como o mundo dos homens.

No que tange ao campo religioso, destacamos que as mudanças estão em consonância com as transformações ocorridas na percepção do lugar do indivíduo como sujeito na sociedade atual. Trata-se da centralidade na busca pessoal de construção de sentido em detrimento do peso dado às referências institucionais (BERGER, 1985). Nessa nova relação sujeito-religião, ocorre uma maior ênfase na busca individual da religião como um dos elementos constituintes da identidade pessoal. Ou seja, se nas sociedades tradicionais, era a sociedade ou a “cultura” que determinava a identidade do indivíduo, no mundo moderno e pluralista, é o indivíduo que pode e, de algum modo deve, escolher a sua identidade, determinando quem ele é.

Essa escolha implica em uma seleção dos valores disponibilizados pelas diferentes ofertas religiosas, ou ainda, em “adesões parciais” aos valores disponibilizados por uma mesma oferta religiosa: o indivíduo aceita uma parte dos dogmas e da disciplina da religião institucionalizada, mas discorda e rejeita outra parte (ANTONIAZZI, 1998, p. 13). Esse contexto desafia às religiões a criarem diversos universos religiosos abertos para os desejos e intuições das pessoas, pois a construção do sentido da vida passa a ser algo provisório, precário, diluído, diverso, difuso e centrado no sujeito. Entre tais valores, as concepções de gênero demarcam um campo socialmente eficaz.

Como consequência desse “novo” jeito de ser religioso, o indivíduo é entendido como sujeito gerador de sua própria autonomia e liberdade. É a consciência do sujeito que passa a ser o critério fundamental para a constituição do universo religioso e para sua movimentação na esfera religiosa (BRANDÃO, 1994). Nessa conjuntura, se antes, a referência última era a tradição agora, privilegia-se “o emergente, o ‘atual’, o *happening*, a experiência do momento” (SANCHIS, 1995, p. 117).

Entendemos que as mudanças que ocorrem no campo religioso incidem diretamente na configuração de novos (e nas ressignificações dos antigos) formatos em que as relações de gênero se apresentam na sociedade atual. Ou seja, se o ideário referente ao gênero apresentado pelas instituições religiosas tradicionais perde peso frente à ênfase dada pelos indivíduos às suas escolhas pessoais, pode-se resultar em configurações e significações das relações com características diferentes das pleiteadas pelas instituições religiosas tradi-

cionais. É a partir dessa compreensão, do entrelaçamento entre as mudanças que estão ocorrendo tanto nas relações de gênero como no campo religioso atual, que propomos como tema central deste número da revista *Caminhos* uma reflexão sobre religião, gênero e transformações da intimidade.

Entendemos que se a reflexividade da vida social moderna consiste no fato de que as práticas sociais são constantemente examinadas e revisadas à luz de novas informações sobre estas próprias práticas, alterando constitutivamente seu caráter (GIDDENS *et al.*, 1997), a tradicional (inter)relação entre religião e gênero também passa por tais revisões. Os impactos da reflexividade incidem tanto sobre a religião que reconfigura seu olhar em relação às concepções de gênero, quanto sobre as próprias concepções de gênero revisadas a partir das novas configurações e das diferentes concepções e práticas religiosas. Tendo tal conjuntura em foco, o presente número da revista *Caminhos* apresenta artigos analisando a (inter)relação entre religião e gênero em suas transformações atuais. Vejamos o que dizem os(as) autores(as) que escreveram acerca da temática.

Teresinha Maria Duarte *et al.*, no artigo *As Virtudes de Santa Clara no seu Processo de Canonização* entende por virtude as qualidades morais de uma pessoa. Segundo a autora, o/a santo/a é reconhecido/a como tal por ser alguém em quem se reconhece tais qualidades. No Processo de Canonização pode-se dar ênfase a esta ou àquela qualidade, dependendo de quais valores se queira preservar na sociedade. É o caso de Santa Clara de Assis, por exemplo, que, em seu processo de canonização aparece com várias virtudes. Entretanto, nota a autora que o papado quis enaltecer principalmente a virgindade.

Laila Rosa, em *Juremeiras e Bruxas: as donas de uma ciência 'ilegítima*, aborda a jurema enquanto um complexo polissêmico, considerado pelo povo-de-santo como “ciência”, que abrange diversas práticas e preceitos manipulados em grande parte por mulheres. Para Rosa, as mulheres, no entanto, por várias razões, entre elas o fato de serem mulheres em sua maioria negras ou afro-indígenas, passam a representar-se como donas de uma ciência, mesmo considerada “ilegítima”.

Susanna Derks escreve, em *Violencia Doméstica, Marianismo e a Raiva da Virgem de Urkupiña*, na Bolívia, que a bibliografia acadêmica sobre a violência doméstica na América Latina faz frequentemente

referência a duas noções predominantes da masculinidade e da feminilidade: o machismo e marianismo. Marcados por esse paradigma de gênero, se diz que as mulheres abraçam os valores da Virgem Maria como um modelo de papel caracterizado pela submissão. No entanto, estes estudos raramente investigam se essas mulheres realmente se referem a Maria como símbolo para suportar os sofrimentos relacionados ao gênero. A autora analisa experiências de violência doméstica contra mulheres Bolivianas e relaciona as falas dessas mulheres com as interpretações que elas fazem da Virgem Maria, em particular da Virgem de Urkupiña em Quillacollo. Afirma que, embora a história das mulheres Bolivianas estejam cheias de sofrimento, elas não aceitam mermente seu sofrimento em termos marianistas. Ao contrário, a raiva é explicitada como o conceito central em suas experiências da violência doméstica. As mulheres aproximam-se da Virgem de Urkupiña para transferir sua raiva e para pedir sua intervenção. A Virgem de Urkupiña não é valorizada somente por sua capacidade de suportar o sofrimento, também é percebida como uma poderosa e agressiva deusa da vingança.

Ainda sobre o tema da violência, Tiago Fernando Sant'Anna, no artigo intitulado Decifrando as Sombras nas Memórias: reflexões feministas sobre a questão social da violência contra as mulheres, traça um percurso teórico da questão. Na segunda parte do texto, o autor aprofunda o fenômeno das práticas de violência contra as mulheres a partir das memórias narradas e registradas pelo vídeo-documentário "Memórias de Sombras", do diretor Douglas Pinheiro. Na sua análise das práticas de violência contra as mulheres, ressalta-se o caráter socialmente construído do gênero e do corpo nas relações sociais desiguais nos casos de abuso e agressão. A partir disso, o pesquisador questiona em que condições as representações sociais sobre o feminino e sobre o corpo feminino presidem as práticas violentas contra as mulheres a partir de suas próprias narrativas.

Samuel Costa da Silva *et al.*, no artigo "o dilema das mulheres divorciadas no ambiente eclesiástico brasileiro", analisa as tensões próprias da ruptura de um casamento que as mulheres evangélicas separadas enfrentam. Para o autor, após a separação, a igreja antes acolhedora, tende a tornar-se um ambiente excludente para as mulheres separadas. O autor propõe a compreensão dos conflitos que envol-

vem as mulheres evangélicas divorciadas no ambiente eclesiástico como uma chave explicativa para o dilema da rejeição absurda e inesperada elas enfrentam em um espaço que se propõe como sendo de comunhão e respeito.

Consuelo Patricia Martínez Lozano, em seu artigo sobre a Sexualidade, a Transgressão e a Crença Religiosa de Jovens Universitários de Guadalajara, México, descreve e analisa as percepções, interpretações e processos de reconfiguração que os jovens elaboram em relação ao corpo e ao exercício da sexualidade relacionados com a crença religiosa aprendida ao interior da família, em sua trajetória escolar e em universos confessionais. Afirma a autora que as transgressões no exercício da sexualidade são separadas da crença e da identidade religiosa. Os possíveis sentimentos de culpa são transferidos para o terreno dos afetos com pessoas do universo doméstico (mãe ou pai), e não ao âmbito do religioso-católico (deus e os mandamentos da Igreja). A percepção do pecado, nos termos das diretrizes católicas, se separa da experiência corporal ou das contravenções da conduta sexual (ter relações sexuais antes do matrimônio, masturbar-se, buscar o prazer). O sexo não seria pecaminoso, porém estes jovens lhe põem certos “limites”. Ao traçar esses limites, se configura a percepção do divino que se imbuí do próprio corpo: o “mal” no sexo não ofende a Deus, porém machuca o corpo e, por conseguinte, à própria espiritualidade. Isto equivale a transgredir ao divino, ao “bem” (o amor como sentimento-sinônimo de Deus), quer dizer, “fazer algo mau ou machucar-se” (o que não é amor). A autora aborda ainda as percepções dos jovens em relação à importância conferida a certos rituais e práticas do catolicismo, e sua rejeição enfática a outras religiões.

Na seção das comunicações, contamos com o texto de Robson Rodrigues Gomes Filho, que analisa “o sagrado manipulado: o movimento de santa dica e sua relação com a Igreja Católica”. Para o autor, embora seja um dos mais importantes movimentos religiosos do estado de Goiás, o caso de “Santa Dica” é ainda pouco aprofundado pelos historiadores goianos, especialmente em se tratando do plano teórico em relação aos peculiares ritos religiosos, bem como a relação, religiosa e política, com seus opositores no Estado. O autor nos apresenta, então, uma análise de tal movimento sob a ótica da história e da sociologia da religião, buscando compreender suas

relações com o sagrado, e – de maneira mais enfática – com seu principal opositor: a Ordem Redentorista.

A segunda comunicação nos é oferecida por André Dione Fonseca e Marcilene Nascimento de Farias, tratando da temática de “gênero e religião: a questão do ministério feminino na igreja assembléia de deus”. Para os referidos autores, nas últimas décadas, a sociedade passou por importantes mudanças sociais, econômicas e políticas, que levaram à contestação dos tradicionais papéis atribuídos aos homens e às mulheres. Nesse sentido, o campo religioso também sofreu o impacto dessas transformações, principalmente com a difusão das idéias feministas que incidiram diretamente sobre as relações de gênero. Com base nessas considerações, eles analisam a atuação feminina na Igreja Assembléia de Deus e os debates em torno do ministério feminino. O objetivo da análise, segundo os autores, é demonstrar o impacto do feminismo numa instituição pentecostal marcadamente androcêntrica e os desafios enfrentados pelas mulheres assembleianas que, mesmo sem alcançarem o reconhecimento do ministério feminino, conseguiram importantes avanços.

Na sequência, Allyne Chaveiro Farinha, em *A Mulher na Ética Religiosa*, afirma que a religião cristã católica historicamente situou a mulher em um segundo plano. Neste caso a mulher é vista como tentadora e fonte de pecado. As figuras femininas da Igreja Católica, geralmente são representadas como submissas à vontade masculina: santas quando forem obedientes ou bruxas quando transgredirem às regras. Embora a mulher tenha ampliado a sua atuação na sociedade, na religião cristã católica ainda não lhe é permitido desempenhar as mesmas funções que o homem.

Clóvis Ecco enriquece este número da revista *Caminhos* com a resenha de uma obra-referência para os estudos de gênero, principalmente no que tange às concepções de família e da infância no seio dessas relações. Trata-se do livro de Philippe Ariés, *História social da criança e da família*, traduzido por Dora Flaksman e publicado no Rio de Janeiro, pela LTC Editora, em 1981.

Esperamos que o presente número da revista possa ser uma contribuição importante no intenso debate que articula os temas do gênero e religião que, como afirmamos anteriormente, está em pauta nos mais diversos espaços de pesquisa e nos movimentos sociopolíticos da contemporaneidade. Boa Leitura!

Referências

- ANTONIAZZI, A. O Sagrado e as religiões no limiar do Terceiro Milênio. In: CALIMAN, C. (Org.) *A Sedução do Sagrado*. O fenômeno religioso na virada do milênio. Petrópolis: Vozes, p. 1998, 11-19.
- BRANDÃO, C. R. A crise das instituições tradicionais produtoras de sentido. In: MOREIRA, A.; ZICMAN, R. *Misticismo e novas religiões*. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: USF/IFAN, 1994.
- BERGER, Peter. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. Tradução de José Carlos Barcelos. São Paulo: Paulinas, 1985.
- ERICKSON, Victoria Lee. *Onde o silêncio fala: feminismo, teoria social e religião*. São Paulo: Paulinas, 1996.
- GIDDENS, Anthony et al. *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*. São Paulo: UNESP, 1997.
- SANCHIS, P. O campo religioso será ainda hoje o campo das religiões? In: HOORNAERT, Eduardo. *História da Igreja na América Latina e no Caribe (1945-1995)* O debate metodológico. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 81-131.

* Possui doutorado em Ciências Sociais e da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (1998). Atualmente é professora titular da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Tem experiência na área de Sociologia, atuando principalmente nos seguintes temas: religião, catolicismo, tradições culturais, gênero e cristianismo. Livros publicados: *A casa, as mulheres e a igreja: gênero e religião no contexto familiar*. São Paulo: Fonte Editorial, 2009, v.1. p.180; *Religião e saúde: (re)significando as dores na vida cotidiana*. Rio de Janeiro: Deescubra, 2008, v.1. p.137; *Weber*. Goiânia: Deescubra, 2007, v.1. p.152; *Religião, gênero e sexualidade: o lugar da mulher na família camponesa*. Goiânia: UCG, 2005, v.1. p.242.

** Possui doutorado em História pela UnB. Professor de História da Universidade Estadual de Goiás e da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.